

Literatura afro-brasileira na sala de aula

Concepção, planos de aula e outras ideias



Olhos d'água

Quarto de despejo

um defeito de cor

Anderson Novais Soares



Literatura afro- brasileira na sala de aula

Concepção, planos de aula e
outras ideias

Anderson Novais Soares

Instituição de Ensino: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba.

Programa: Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

Nível: Mestrado Profissional.

Área de Concentração: Ensino.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica – Práticas Educativas no Currículo Integrado.

Título: Literatura afro-brasileira na sala de aula – Concepção, planos de aula e outras ideias.

Autor: Anderson Novais Soares

Orientador: Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira

Produto Educacional: livro no formato *e-book*, disponibilizado em .pdf.

Nível de ensino: Ensino Médio.

Área de Conhecimento: Literatura e interdisciplinar.

Temas: Literatura e interdisciplinares.

Descrição do Produto Educacional:

Este *e-book* tem o objetivo de visibilizar escritoras e escritores negros brasileiros no âmbito escolar, por meio de propostas de planos de aula e indicações de temas interdisciplinares e outros conteúdos que possam ser utilizados por professoras e professores em suas atividades nas aulas de literatura e em propostas interdisciplinares.

Publicação Associada: O ensino de literatura afro-brasileira nos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG – *Campus Rio Pomba*: contribuições com a proposta de formação omnilateral (dissertação).

URL: <https://bit.ly/32nuTqb>



O trabalho "Literatura afro-brasileira na sala de aula: concepção, planos de aula e outras ideias" de Anderson Novais Soares e Natalino da Silva de Oliveira está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



SUMÁRIO



05

Apresentação



07

O que é a literatura afro-brasileira?

11

Maria Firmina dos Reis



18

Luiz Gama



30

Carolina Maria de Jesus



39

Cuti

47

Escritoras e escritores

49

Editoras, livrarias e portais de conteúdo



50

Bibliografia recomendada para aquisição



53

Bibliografia

55

Quem somos

A vertical decorative border on the left side of the page, featuring a repeating pattern of grey lines and dots forming a series of nested, stylized chevrons or zig-zags.

*Não digam que fui rebotinho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora.*

Carolina Maria de Jesus

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste produto educacional é contribuir para que professoras e professores de Literatura do IF Sudeste MG – *Campus* Rio Pomba possam contemplar na sua atividade docente o cumprimento da Lei 10.639/2003, apresentando aos seus alunos e alunas a literatura brasileira produzida na perspectiva de pessoas de ascendência africana, o que aqui se denomina literatura afro-brasileira.

Longe de querer ser um compêndio abundante de propostas, entende-se que este pequeno trabalho é um contributo maior em seu sentido subjetivo do que propriamente prático. O que se pretende é que haja um despertar em docentes, e em consequência em discentes, para o conhecimento da literatura afro-brasileira, e que, com isso, possam continuar a buscá-la, ampliando seu conhecimento e proporcionando a si momentos de experimentação estética e fruição de belas composições em prosa e poesia, além do despertar para o aprendizado da história e da cultura africana e afrodescendente.

Também no mesmo sentido, pensa-se que se trata de uma contribuição com a instituição ao se disponibilizar um instrumento que possa ser somado a outras atitudes que venham materializar as determinações da Lei 10.639/2003 e tudo que a ela subjaz.

As propostas pedagógicas que aqui vão são uma ínfima parte de tudo aquilo que se pode fazer ao se contemplar a literatura afro-brasileira, dada a sua dimensão. Não seria possível apresentar neste espaço toda a gama de autores e obras literárias produzidas sob o espectro das narrativas da afrodescendência desde mais ou menos o século XVIII. Desse modo, tentou-se considerar, entre tantos escritores e escritoras, quatro grandes representantes, sobre cuja literatura trata-se de elaborar algumas propostas para serem trabalhadas nas aulas de literatura dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, incluindo proposições para trabalhos interdisciplinares, especialmente com vinculação às especificidade de formação profissional de cada curso técnico.

Para isso, procurou-se um enfoque não apenas intrínseco aos textos, mas dialogando com elementos externos, sejam questões evocadas superficialmente nas obras, relações com outras narrativas, com outras manifestações artísticas, com as ciências, com a vida do autor etc. Importa, evidentemente, o valor desses textos como obras literárias, e, como se sabe, a boa literatura tem sempre uma leitura a mais.

A escolha dos autores teve por parâmetro inicial incluir aqueles que têm sido esquecidos pelos manuais de literatura e pelos livros didáticos, já que Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto, à parte as dificuldades que enfrentaram em sua época, desde muito, fazem parte do cânone literário nacional.

A segunda consideração diz respeito ao fato de que a autoria de nossa literatura é marcada pela predominância de homens (brancos) e, em maior ou

menor medida, membros da classe média econômica. Entende-se que seria importante um equilíbrio quanto ao gênero dos autores selecionados e, assim, tem-se dois homens e duas mulheres. Nenhum deles está aqui somente pelas razões de gênero, senão pela qualidade de suas obras e pela importância histórica de seu trabalho e de suas biografias. Nossos autores e autoras também não se destacam pelo poder aquisitivo, pois há entre eles uma professora de escola primária, um rábula, que chegou a ser escravo e uma catadora de papel e moradora de favela.

Por fim, intentou-se ainda distribuir cronologicamente essas escolhas. Por quê? O ensino de literatura nas escolas vem sendo pautado pela ordenação temporal, amparada na divisão estética da literatura brasileira nas chamadas correntes literárias. Depreende-se que se trata de um modelo consolidado e que permite uma boa estruturação do ensino de literatura, pois demonstra o seu processo de desenvolvimento no Brasil ao longo do tempo. Entende-se que seja relevante evidenciar que a literatura dita afro-brasileira vem sendo produzida desde muito e sempre. Há, em todas as épocas, representantes que deveriam ser reconhecidos entre os grandes escritores brasileiros, estejam suas obras ou não limitadas pelos padrões estéticos de ontem e hoje.

Maria Firmina do Reis (1822-1917), Luiz Gama (1830-1882), Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Cuti [Luís Silva] (1951) foram os eleitos para serem apresentados aos que não os conhecem ou lembrados pelos que já puderam apreciar-lhes a literatura. Cada um deles será oportunamente apresentado, com as devidas justificativas de terem sido os escolhidos.

Antes, porém, é necessário pensar e falar sobre “o que é a literatura afro-brasileira?”, quais seriam as características que definiriam essa vertente literária.

Em complemento às sugestões pedagógicas, relacionou-se diversos escritores e escritoras da afrodescendência para instigar aqueles que tomarem em mãos este material a procurá-los pelas estantes das bibliotecas, pela *internet*, pelas livrarias. Para ajudar, constam também alguns endereços eletrônicos de portais de conteúdo, editoras e livrarias especializadas em divulgar, publicar e vender literatura afro-brasileira.

Elaborou-se ainda uma listagem de obras literárias e não literárias que fica à consideração dos docentes para possível aquisição para o acervo da Biblioteca Jofre Moreira.

Espera-se que este modesto instrumento possa contribuir para o trabalho de professores e professoras de literatura e que atinja o objetivo de fazer um pouco mais conhecidos aqueles homens e mulheres que a história de nossa literatura tem escondido.

O Autor

O QUE É A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA?

Mas o que é a literatura afro-brasileira? Seria esta a designação mais adequada? Refere-se ela à autoria ou ao discurso? É certo que quando se fala em criações artísticas, dificilmente consegue-se estabelecer fronteiras rígidas para todos os casos. Assim mesmo, é necessário que alguma delimitação seja imposta para que haja a demarcação de um território próprio, no caso, da literatura afro-brasileira.

Souza (2016)¹ diz que “Agregar uma qualificação para o termo literatura é algo que envolve uma complexa teia de construções históricas, estéticas e significantes”, e, conforme continua, a autora vai afirmar que a literatura negra/afro-brasileira

compreende a quebra de uma teoria literária tradicional postulada como universal, o que nos faz imergir em engendramentos conceituais e discursivos, que, para além de pressupostos estéticos, abarcam questões ideológicas, culturais e de poder. (SOUZA, 2016, p. 134).

É nesse percurso ideológico de construção de sentidos que a designação de uma literatura afro-brasileira perpassa por embates terminológicos, de conteúdo e de autoria que propõem a ela designações diversas. Cuti (2010)² defende a utilização do termo literatura negro-brasileira. Para ele, a denominação afro preconiza, ainda que de modo discreto, uma remissão ao continente africano, fazendo com que esta literatura se mantenha marginalizada no cenário da literatura brasileira, pois que isso atribui-lhe “uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais” (CUTI, 2010. p. 35).

Mais adiante, Cuti (2010, p. 39) se reportará ao sentido polissêmico da palavra “negro”, sabendo que a utilização deste termo pode contribuir para o desprezo às obras com tal denominação. Em sua visão, o termo afro-brasileiro restringe-se aos estudos de “traços culturais de origem africana”, os quais independem “da presença do indivíduo de pele escura, e, portanto, daquele que sofre diretamente as consequências da discriminação.” (CUTI, 2010, p. 39).

Pode-se afirmar que, para Cuti (2010), a utilização da designação literatura negro-brasileira não se trata apenas de uma escolha terminológica que em seu dizer é mais correta do ponto de vista sócio-histórico e mesmo geográfico. É também, e principalmente talvez, uma opção política que encontra no combate ao racismo o seu sentido mais profundo.

¹SOUZA, Taise C. S. Pinheiro de. Literatura negra e diferença cultural. Revista Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 25, 2016, p. 133-156. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/13757/9657>. Acesso em: 08 jul. 2019.

²CUTI [LUIZ SILVA]. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

Conforme pode ser visto em Duarte (2010)¹, há uma diversidade de posições sobre a designação a ser utilizada e, em sua visão,

(...) tem-se, ainda, um outro agravante, formulado pelo segmento de sentido que diz respeito ao texto negro como sinônimo de narrativa detetivesca de mistério e suspense, na linha do *roman noir* da indústria editorial. No Brasil, tal vertente faz sucesso com Rubem Fonseca e outros, chegando-se mesmo ao estabelecimento de nuances diferenciadoras entre os conceitos de romance negro e romance policial. (DUARTE, 2010, p. 118).

Como razão para escapar às controvérsias e à polissemia de literatura negra, Duarte (2010, p. 118) argumenta que ela “são muitas, o que, no mínimo, enfraquece e limita a eficácia do conceito enquanto operador teórico e crítico”. Mais ainda, aponta a “cadeia semântica do adjetivo [negro] que, desde as páginas da Bíblia, carrega em praticamente todas as línguas faladas no ocidente as marcas de negatividade, inferioridade, pecado, morte e todo tipo de sortilégio” (DUARTE, 2010, p. 119).

A partir dessas concepções é que o autor propõe o termo *literatura afro-brasileira*:

Já o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridismo étnico e linguístico, religioso e cultural. De acordo com um pensamento conservador, poder-se-ia dizer que afro-brasileiros são também todos os que provêm de ou pertencem a famílias mais antigas, cuja genealogia remonta ao período anterior aos grandes fluxos migratórios ocorridos desde o século XIX. (DUARTE, 2010, p. 119).

Ele reconhece que terminologias como afro-brasileiro ou afrodescendente podem conter generalizações que trazem o “risco de assumirem sentido homólogo ao do signo ‘pardo’, tão presente nas estatísticas do IBGE, quanto execrado pelos fundamentalistas do orgulho racial” (DUARTE, 2010, p. 119) e que, por conseguinte, poderiam enfraquecer “o sentido político de afirmação identitária contido na palavra negro.” (DUARTE, 2010, p. 119).

Não obstante, essa mesma noção generalizante é tomada pelo autor não como elemento enfraquecedor, mas

uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto –, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isso mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária. (DUARTE, 2010, p. 121).

¹DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Duarte (2010), trazendo à baila alguns importantes teóricos, destaca que uma questão central do tema é reconhecer se também há ou não legitimidade em uma literatura negra/afro-brasileira cuja autoria seja branca, restringindo-se, portanto, o conceito ao conteúdo da obra, a seus personagens, à intencionalidade discursiva.

Fonseca (2014)¹, nessa mesma linha, vai identificar no poema *Navio Negroiro*, de Castro Alves, as marcas de uma visão ainda preconceituosa a respeito dos africanos, “embora a intenção mais forte seja a de expor o sofrimento dos escravos e a de condenar o perverso comércio dos africanos como escravos.” (FONSECA, 2014).

A leitura do belo poema expõe o grito contra a injustiça da escravidão e contra a barbaridade do tráfico negreiro, mas percebe-se que pairam sobre os versos resquícios ideológicos que procuravam justificar o tráfico valendo-se de visões que justificam as diferenças entre raças e aceitam a propensão natural dos africanos (e do continente africano) à submissão. (FONSECA, 2014, *online*).

Portanto, parece que a delimitação conceitual de uma literatura afro-brasileira não poderá ser reduzida ao discurso ou à tentativa de um discurso que se proclame em favor de questões íntimas à identidade negra. O exemplo de Castro Alves, que não era negro tampouco escravizado, revela que, apesar de suas boas intenções ao compor seus versos, não conseguiu alcançar o ponto de vista necessário a imprimir neles a subjetividade que os configurariam como legítimos representantes da literatura afro-brasileira. Nesse sentido, pode-se deduzir que a autoria é um elemento importante, senão essencial, à conceituação que aqui se propõe.

Assim é que o conceito de literatura afro-brasileira forjado por Duarte (2010) irá fundar-se em alguns elementos específicos. Diz o teórico que a classificação de uma literatura afro-brasileira requer a conjugação de fatores temáticos, autorais, do ponto de vista, linguagem e público a que se dirige. Trata-se de fundir todos os componentes desse conjunto de modo que o produto literário que dele emane seja um discurso verdadeiramente afro-brasileiro:

Em resumo, que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE, 2010, p. 122).

¹FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 245-277. Literafro – O portal da literatura Afro-Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2019. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Então, pode-se dizer que a conceituação proposta por Duarte (2010) deixa claro que a literatura afro-brasileira é necessariamente produzida por autoria negra: sujeito étnico com identificação de pertencimento afrodescendente. Trata de temas sócio-históricos e culturais intimamente ligados ao povo negro e, além disso, assume essas temáticas a partir de um ponto de vista próprio. Utiliza-se de linguagem específica, impregnando o texto com as marcas linguísticas herdadas da África. Por fim, se a autoria literária é negra, também o é o público. É a este segmento da população em especial que se dirige a literatura afro-brasileira. Uma população em grande medida marcada pela marginalização, pela pobreza material e consequentemente pelo afastamento de um contato mais intenso com a leitura. Duarte (2010, p. 122) alerta, entretanto, que se trata de um conceito em construção, mas que parece suficiente para ser tomado como paradigma.

Por tudo isso, não são obviamente incorporados à literatura afro-brasileira autores, obras e concepções (ainda que tangentes a um ou outro elemento de identificação afrodescendente) que tratem de maneira estereotipada o povo e a cultura africanos e afro-brasileiros e que, por isso mesmo, tendem ao preconceito (DUARTE, 2010, p. 117).

MARIA FIRMINA DOS REIS

A primeira romancista



Busto representativo em homenagem a Maria Firmina dos Reis
Museu Artístico e Histórico do Maranhão

Em 11 de março de 1822, nascia na capital maranhense aquela que viria se tornar a primeira romancista brasileira: Maria Firmina dos Reis. Desde os 5 anos de idade, Firmina passou a viver com uma tia, fato que teria contribuído significativamente para a sua formação educacional.

Além de escritora, Maria Firmina dos Reis foi professora e também responsável por criar a primeira escola mista gratuita do país, na década de 1880. A despeito de toda a relevância de sua atuação, não obteve com isso fortuna material, vindo a falecer pobre e cega na cidade de Guimarães/MA, em 11 de novembro de 1917. Seus mais de 90 anos de vida foram dedicados à literatura, à educação, à cultura e ao amparo aos humildes.

O romance *Úrsula*, sua obra mais conhecida, é tido como o primeiro romance abolicionista do Brasil. Também nesta obra, pessoas negras e escravizadas, mesmo não sendo protagonistas na trama, são retratadas de modo positivo, ao contrário do que se vê em muitas outras composições da literatura do século XIX.



Úrsula e outras obras
Baixe gratuitamente clicando na imagem

A publicação do romance ocorreu em 1859, sob o pseudônimo “Uma maranhense”. É possível que o fato de ser negra e de origem humilde tenha levado Firmina a optar por ocultar a identidade, temendo que o livro, em razão de aspectos externos à obra, enfrentasse a rejeição dos leitores.

A escritora maranhense ainda deixou como legado as obras *A Escrava*, que trata também dos males do sistema escravista e *Gupeva*, conto com temática indianista e contendo elementos da literatura ultrarromântica. Além dessas, Firmina compôs diversas poesias, reunidas sob o título de *Cantos à Beira-Mar*. Alguns de seus poemas foram musicados pela cantora paraibana Socorro Lira, e podem ser ouvidos no [site Memorial de Maria Firmina dos Reis](#).

O legado de Firmina para a literatura brasileira extrapola os domínios da escrita. Não apenas produziu uma obra com um ponto de vista contra-hegemônico, como foi ela própria, mulher e negra, um baluarte da luta desses dois grupos por seus espaços na sociedade.

Obras de Maria Firmina dos Reis

- *Úrsula*
- *A Escrava*
- *Gupeva*
- *Cantos à Beira Mar*

*Oh! minha mãe! oh! minha mãe querida,
Que vácuo n'alma - que cruel soidade!
Deixa que lance sobre o teu sepulcro
A roxa c'roa de imortal saudade.*

*Fraco tributo: - mas no imo peito
As eduquei com amargurado pranto;
Hoje as esfolho perfumosas, tristes,
Ao som cheiroso do meu pobre canto.*

Poema de Maria Firmina dos Reis,
dedicado à memória de sua mãe

Assita



**Pioneiras, programa
Nação de 24/11/2017, TVE
RS (até 06min54")**

A professora e pesquisadora
Roberta Flores Pedroso fala
sobre a importância de Maria
Firmina dos Reis para a
literatura brasileira.

Úrsula [fragmento]

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde - dissemos - se revoltava, porque se lhe erguia como barreira - o poder do forte contra o fraco!...

Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria.

Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos!

Oh! Esperança! Só a tem os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!... Gozos!... Só na eternidade os anteveem eles!

Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!...

Para saber mais

Visite o

[Memorial de Maria Firmina dos Reis](#)

Conteúdos em diversos formatos para
saber mais sobre a vida e o legado da
escritora.

Vá também ao

literafro
o portal da literatura afro-brasileira

PLANO DE AULA

MARIA FIRMINA DOS REIS

Disciplina(s):

Língua Portuguesa, Literatura e Redação.

Conteúdo:

Romantismo; literatura afro-brasileira. A concepção de literatura afro-brasileira a partir da representação positiva da pessoa negra no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

Público alvo:

Alunos do 2º ano do ensino médio de todos os cursos técnicos integrados.

Justificativa:

A literatura produzida no século XIX no Brasil, abarcando estéticas literárias como o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo, caracterizou-se em grande parte por retratar a sociedade escravista da época. Era, em geral, uma literatura feita pelas elites e para as elites, de modo que a população pobre, em grande parte escravizada, pouco aparecia nas obras literárias e, quando apareciam, eram relegadas ao silêncio e à objetificação.

Mesmo composições com intuítos pretensamente nobres de denunciar a condição dos escravizados, como é o caso de *A Escrava Isaura*, acabavam por enredar-se em preconceitos. Na contramão, a obra *Úrsula*, que é, inclusive, anterior à *Isaura*, foi a pioneira na literatura nacional a dar voz a pessoas negras e a descrevê-las de forma positiva.

A subjetividade negra de Firmina está intimamente ligada à construção dos caracteres de suas personagens. Apesar de essas não figurarem na obra como protagonistas, recebem voz e espaços que sempre lhes foram negligenciados na literatura oitocentista (e nas demais). Nesse sentido, *Úrsula* pode ser considerada uma das primeiras composições da literatura afro-brasileira.

Objetivos:

- demonstrar as características da literatura afro-brasileira, a partir das proposições de Duarte (2010);
- apresentar a escritora Maria Firmina dos Reis aos alunos;
- contextualizar a obra *Úrsula* na estética literária romântica e na literatura afro-brasileira.

Procedimentos metodológicos:

- indagar os alunos sobre o que eles entendem por literatura afro-brasileira e quais seriam os critérios que classificariam uma obra nessa estética;
- apresentar as características da literatura afro-brasileira conforme Duarte (2010);
- apresentar aos alunos uma breve biografia da escritora Maria Firmina dos Reis.

- apresentar e contextualizar o livro *Úrsula* no Romantismo e como uma das obras pioneiras da literatura afro-brasileira;
- demonstrar, por meio de trechos do romance *Úrsula*, as características que o inserem no Romantismo e na literatura afro-brasileira.

Obs.: a íntegra do romance *Úrsula* pode ser baixada gratuitamente [aqui](#).

Recursos didáticos:

- quadro, pincel e apagador, para possíveis anotações;
- material de escrita dos alunos (caderno e caneta) para anotações;
- equipamento de vídeo para projeção de slides e textos.

Avaliação:

Poderá ser solicitado aos alunos que busquem na *internet*, em bibliotecas ou outros meios outra obra (romance, conto, poema etc.) cujas características a classifiquem como representativa da literatura afro-brasileira. Pode-se produzir uma resenha, destacando trechos da obra em que sejam encontradas essas características, bem como o breve relato biográfico do autor. A depender da conveniência e oportunidade, os alunos poderiam apresentar seus trabalhos em sala de aula ou em um evento específico, como o dia da Consciência Negra.

A partir disso, espera-se que os alunos apreendam a concepção de um texto caracterizado como literatura afro-brasileira.

Tempo estimado:

Uma aula de 55min, sem apresentação dos trabalhos avaliativos escritos ou uma aula adicional para esta finalidade.

Preparando a aula.

Literatura afro-brasileira, um conceito.

Segundo Duarte (2010), literatura afro-brasileira (às vezes denominada literatura negra ou negro-brasileira) é ainda um conceito em construção. Porém, o teórico cita algumas características que seriam o indicativo para que uma obra fosse classificada dentro dessa concepção:

- Autoria (da obra);
- Ponto de vista (da enunciação do discurso);
- Temática (assunto; enredo);
- Linguagem (marcas linguísticas específicas);
- Público (a quem se dirige o discurso).

Comentários sobre o romance *Úrsula*.

Personagens.

Relacionam-se aqui apenas as 5 personagens que ocupam papel mais relevante às observações que seguem:

- Úrsula – jovem de caráter digno e bom; apaixona-se por Tancredo.
- Túlio – salva Tancredo de um acidente; apesar de inconformado com a sua

condição de escravizado, possuía sentimentos puros e bondosos.

- Tancredo – jovem bondoso; apaixona-se por Úrsula; dá dinheiro a Túlio para que este compre sua liberdade;
- Suzana – escravizada já em idade avançada que ganha voz ao falar, entre outras coisas, de seu passado na África.
- Comendador Fernando P. – vilão, tio de Úrsula, por quem se apaixona.

Um romance ultrarromântico e afro-brasileiro.

O plano principal do romance *Úrsula* é dedicado a narrar a relação amorosa da protagonista com Tancredo e o posterior triângulo amoroso formado com o tio de Úrsula, o Comendador Fernando P.

A exemplo de outras construções literárias ultrarromânticas, o livro se caracteriza pelo derramamento melodramático e pelo desfecho trágico. Portanto, além de suas inovações em dar voz aos negros escravizados, é preciso reafirmar que o romance, mesmo não sendo tão conhecido quanto outras obras do período, insere-se na estética literária romântica.

Seu esquecimento, segundo as hipóteses de Andreta e Alós (2013, p. 198), se deu pela conjugação dos fatores da autoria feminina e afrodescendente, por estar distante dos grandes centros (Região Sudeste) e por trazer uma abordagem diferente do tema da escravidão em relação aos demais textos da época.

Firmina soube imprimir em seu romance alguns subterfúgios para amenizar a denúncia do sistema escravocrata. Escreveu-o sob a forma consagrada da época; publicou a primeira edição sob o pseudônimo “Uma Maranhense”, que deixava patente o gênero da autoria, mas escondia a sua identidade afrodescendente e revestiu as personagens negras de sentimentos nobres e cristianizados, de modo a tocarem a sensibilidade do leitor branco.

É de se notar, no entanto, que as personagens negras têm voz própria, diferentemente do que acontece em outras composições bem intencionadas do período romântico em que o eu-lírico/narrador fala pelos escravizados. Elas “são conscientes quanto à sua condição e conhecedoras da própria cultura e do passado africano” (ROSA, 2019, *online*).

Rosa (2019) destaca que *Úrsula* se constitui de narrativas que se entrelaçam em uma história principal. A obra apresenta alguns capítulos que se dedicam a personagens específicas, destacando-se, nesse caso, a personagem Susana que tem seu espaço de fala consagrado à narrativa de seu passado na África.

(...) Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país (...) (REIS, 2018, p. 69)

É por meio de Susana que se percebe “a consciência da memória, o conceito de liberdade e a própria visão de mundo, o que nos permite refletir sobre o

passado histórico frente à colonização nos diversos continentes, principalmente na África” (ROSA, 2019, *online*).

Outra reflexão importante desenvolvida por meio de Susana é a possibilidade de ser plenamente livre numa terra em que havia o regime de escravidão (ANDRETA; ALÓS, 2013, p. 197). Ao saber da partida de Túlio, a personagem indaga a ele do que adiantaria trocar um cativo por outro.

Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativo por outro! E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te. (REIS, 2018, p. 69).

Ao ser retorquida, Susana lança a Túlio uma indagação em tom retórico.

— Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! — exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. — Meu filho, tu és já livre?... (REIS, 2018, p. 69).

Túlio destaca-se pela retidão de caráter e pelos bons sentimentos, apesar de seu inconformismo com a escravidão.

O homem que assim falava era um pobre rapaz [Túlio], que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão (...) (REIS, 2018, p. 18).

E o mísero [Túlio] sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso (...) (REIS, 2018, p. 19).

Sua importância na obra pode ser verificada até mesmo numericamente: o nome Túlio aparece em todo o corpo do texto 116 vezes, enquanto Tancredo, protagonista, 113 vezes. Dado o tipo que Túlio representa na história, o escravizado, é notável tamanho destaque, a ponto de fazê-lo presente tanto quanto o protagonista da trama central.

Destacam-se também os discursos contundentes contra o sistema escravista, sejam proferidos pelas vozes das personagens escravizadas, pelas personagens brancas de valores nobres, como Úrsula e Tancredo, ou ainda pela voz narradora. Vejam-se alguns exemplos:

Túlio:

— A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor — continuou — não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte, que... (REIS, 2018, p. 21).

Susana:

O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência (...) (REIS, 2018, p. 71).

Tancredo:

Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. (REIS, 2018, p. 21).

Narradora:

O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão (...) (REIS, 2018, p. 18).

Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos! (REIS, 2018, p. 18).

Úrsula é mais que um romance (ultra)romântico. Foi pioneiro ao dar voz aos escravizados, ao descrevê-los de modo positivo. Mesmo que ele não contemple integralmente o conjunto de características da literatura afro-brasileira proposto por Duarte (2010), uma vez que possamos discutir itens como a linguagem e o público a que se dirige(iu), seus outros aspectos – a autoria e o ponto de vista, em especial – são fortes o bastante para que ele seja classificado como uma das primeiras obras dessa vertente literária. Isso sem falar em sua importância no contexto abolicionista.

Bibliografia e referências bibliográficas:

ANDRETA, Bárbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. **A Voz e a Memória dos Escravos: Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Identidade. São Leopoldo. v. 18, n. 2, p. 194-200, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/952/1114>. Acesso em 27 mar. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 15 nov. 2018.

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. Dados Biográficos. Maria Firmina dos Reis. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Março 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>. Acesso em: 26 mar. 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/35999/ursula_obras_reis_2ed.pdf?sequence=11. Acesso em: 26 mar. 2020.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. **Um olhar sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Literafro – O portal da literatura Afro-Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2019. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminis/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em 27 mar. 2020.

LUIZ GAMA

O condor esquecido

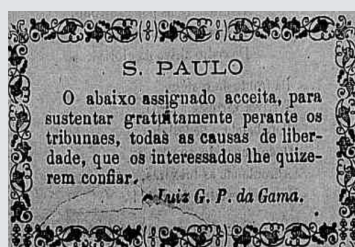


O líder abolicionista e ex-escravo brasileiro Luiz Gama, numa imagem por volta de 1880.

O Romantismo brasileiro se subdivide tradicionalmente em três fases distintas: indianista, ultrarromântica e condoreira. Nesta última, ressalta-se a figura de Antônio Frederico de Castro Alves, conhecido como “o poeta dos escravos”.

A geração condoreira se destacou por imprimir em suas obras temas de caráter social e sua designação vem da comparação com o condor, ave capaz de voar a grandes altitudes e que possui uma visão acurada. Assim como os condores, os escritores dessa geração pretendiam se colocar numa posição de distanciamento de suas condições privilegiadas para observarem mais atentamente os problemas sociais que afetavam o Brasil de então, especialmente o sistema escravista.

O que a história da literatura brasileira não costuma contar é que entre esses condores, geralmente homens brancos e filhos de famílias abastadas, havia outro, chamado Luiz Gama: rábula (um advogado não diplomado), jornalista e poeta, reconhecido como o maior abolicionista do Brasil em sua época, muito em razão de sua atuação no meio jurídico, ajudando a conceder a liberdade a muitos escravizados. Gama, segundo sua mítica biografia, era filho de uma mulher negra, Luíza Mahin, nascida na Costa da Mina (atual Benin) e de um fidalgo português, cujo nome ele nunca revelou, apesar de ter sido o próprio pai quem o tornou um escravizado, vendendo-o para quitar dívidas de jogo.



Anúncio no jornal Radical Paulistano, de 10 de maio de 1869, em que Luiz Gama oferece serviços advocatícios gratuitos a pessoas escravizadas.

Na literatura, Gama produziu somente uma obra, [*Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*](#), em que, de modo satírico, condenava as injustiças e o preconceito racial de sua época. Como advogado, batalhou intensamente contra o sistema escravista, a ponto de conseguir na justiça a libertação de mais de 500 pessoas, segundo ele mesmo conta em uma carta escrita ao amigo Lúcio de Mendonça.

Luiz Gonzaga Pinto da Gama nasceu em Salvador, em 21 de junho de 1830, exatos nove anos antes de outro grande escritor negro, Machado de Assis. Veio a falecer prematuramente aos 52 anos de idade, no dia 24 de agosto de 1882, causando grande comoção na cidade de São Paulo e antes de ver a queda do regime que tanto execrava.

Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime.

Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade.

Luiz Gama

LUIZ GAMA - Uma voz pela liberdade, MS Events, 16/06/2016

Biografia dramatizada

Com Deo Garcez e Nivia Helen

Roteiro: Deo Garcez

Direção: Ricardo Torres

Assista



Quem sou eu? (Bodarrada) [fragmento]

Amo o pobre, deixo o rico,	Que no plectro anda
Vivo como o Tico-tico;	mofino.
Não me envolvo em	Sei que é louco e que é
torvelinho,	pateta
Vivo só no meu cantinho:	Quem se mete a ser poeta;
Da grandeza sempre longe	Que no século das luzes,
Como vive o pobre monge.	Os birbantes mais lapuzes,
Tenho mui poucos amigos,	Compram negros e
Porém bons, que são	comendas,
antigos,	Têm brasões, não - das
Fujo sempre à hipocrisia,	Calendas,
À sandice, à fidalguia;	E, com tretas e com furtos
Das manadas de Barões?	Vão subindo a passos
Anjo Bento, antes trovões.	curtos;
Faço versos, não sou vate,	Fazem grossa pepineira,
Digo muito disparate,	Só pela arte do Vieira,
Mas só rendo obediência	E com jeito e proteções,
À virtude, à inteligência:	Galgam altas posições!
Eis aqui o Getulino	(...)



O romance *um defeito de cor*, da escritora mineira Ana Maria Gonçalves, recria, em suas quase mil páginas, a vida de Luiza Mahin. O livro é uma junção de elementos ficcionais e de fatos históricos, narrados em primeira pessoa por aquela que teria sido a mãe de Luiz Gama.

Para saber mais...

Leia a

[Carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça](#)

A carta contém revelações da biografia de Luiz Gama.

Vá também ao

literafro
o portal da literatura afro-brasileira

PLANO DE AULA

LUIZ GAMA

Disciplina(s):

Língua Portuguesa, Literatura e Redação.

Conteúdo:

Romantismo; literatura afro-brasileira; relações étnico-raciais.

A afirmação da identidade negra e a valorização da beleza e da riqueza cultural africana e afrodescendente em *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* e a luta abolicionista de Luiz Gama.

Público alvo:

Alunos do 2º ano do ensino médio de todos os cursos técnicos integrados.

Justificativa:

Luiz Gama é talvez uma das figuras mais injustiçadas na história brasileira e, por consequência, também na literatura. Sua atuação jurídica pela liberdade de muitos escravizados não tem sobrevivido à altura do que deveria se compararmos a outros nomes da atividade abolicionista.

Na literatura, podemos atribuir a Gama o mérito de ser o precursor da afirmação da identidade negra e da valorização da beleza e da riqueza cultural africana e afrodescendente. Sendo filho de uma mulher negra e de um homem branco, assumia-se negro, numa sociedade em que vigiam os preceitos de branqueamento e na qual muitos miscigenados como ele tendiam a afastar-se de suas origens africanas. Seu livro, *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, publicado no mesmo ano (1859) do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, é, ao lado deste, o marco pioneiro da literatura afro-brasileira.

A inovação de Gama em relação a Firmina, no entanto, fica por conta de ele ter assumido em seus escritos de forma mais veemente a confrontação do sistema escravista e racista, vigente no Brasil do século XIX.

Objetivos:

- apresentar Luiz Gama (poeta, jornalista e advogado) aos alunos. Sugere-se assistir ao vídeo [Luiz Gama - Uma voz pela liberdade](#);
- demonstrar as características da literatura produzida por Luiz Gama: a sátira, a crítica social, a intertextualidade com autores clássicos, a paródia com os elementos greco-latinos, o protagonismo da pessoa negra e a valorização dos elementos africanos;
- contextualizar a produção literária de Luiz Gama no Romantismo (prelúdio temático da poesia condoreira).

Procedimentos metodológicos:

- os alunos se podem se reunir em duplas;
- apresentar aos alunos uma breve biografia de Luiz Gama;

- realizar a leitura de trechos de poemas do livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (baixe gratuitamente [aqui](#));
- os alunos deverão analisar os aspectos do poema que lhes chamarem a atenção, destacando as questões intrínsecas e também a mensagem do texto, para posterior debate;
- o professor deverá solicitar aos alunos que comentem sobre os trechos lidos, de modo que eles possam identificar os elementos intertextuais presentes na obra, a conexão com outros escritores e outros temas, especialmente do Classicismo e do Neoclassicismo;
- explicitar e debater os elementos africanos presentes no poema e a voz autoral negra de Luiz Gama, que fala em primeira pessoa sobre questões como o racismo e a escravidão, diferente de outros escritores que não tinham essa perspectiva;
- discutir os aspectos da obra de Luiz Gama ao movimento condoreiro, última fase do Romantismo no Brasil.

Recursos didáticos:

- quadro, pincel e apagador, para possíveis anotações;
- material de escrita dos alunos (caderno e caneta) para anotações;
- texto impresso de trechos do livro para os alunos (ou disponibilizado em meio eletrônico, a depender das condições de acesso a este recurso, ou ainda reproduzido em slides/vídeo);
- equipamento de áudio e vídeo, com acesso à internet, para a exibição do vídeo sobre Luiz Gama.

Avaliação:

A avaliação poderá ser feita com base na participação dos alunos no debate em sala de aula. Espera-se que eles possam apreender aspectos da poesia de Luiz Gama, de sua relação com a estética romântica e o diálogo com outros temas. Também o pioneirismo de sua obra em exaltar os elementos culturais africanos e trazer a voz autoral negra para o texto.

Alternativamente, poderá ser realizada uma avaliação escrita do conteúdo, para a qual apresentam-se algumas questões selecionadas da sequência deste plano de aula.

Tempo estimado:

Uma aula de 55min.

Preparando a aula:

A obra poética presente em *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* caracteriza-se, em grande medida, pela crítica social. Nela, também se faz presente o discurso de valorização da pessoa negra: da beleza, da cultura, da inteligência, enfim, de todos os aspectos que eram (são) deturpados pela sociedade escravocrata da época.

Benevides, Silva e Coqueiro (2019) apontam as características formais das Trovas da seguinte forma:

No plano formal, a obra é composta por trinta e seis poemas, de diferentes formas poéticas, desde o soneto de filiação mais clássica, à décima, quadras, oitavas. O solecismo poético, o vocabulário erudito e uma dicção que transita entre o épico e o popular, colocam em relevo a elegia, a sátira de costumes e da realidade estilizada em diferentes modulações da ironia, do caricatural, do burlesco e grotesco, da verve cômica que traz à superfície o baixo e o abjeto, dirigidos à política, aos costumes sociais e sobretudo ao sistema escravagista. (BENEVIDES; SILVA; COQUEIRO, 2019, p. 206).

Luiz Gama utilizou-se em profusão da sátira como elemento de expressão literária para construir seus versos, lembrando, em certa medida, Gregório de Matos. Benevides, Silva e Coqueiro (2019) destacam que

O escritor abolicionista utiliza-se da inversão da estética da poesia clássica, tributária a referenciais estéticos e culturais da tradição grega, através de um paralelo Europa-África. O eu-lírico dos poemas analisados tem como ponto comum a utilização de elementos da cultura africana e da África enquanto ideais de civilização e a associação do fenótipo negro à beleza, em contraponto ao tipo eurocêntrico, adotado por muitos como o modelo ideal no período. Ao construir imagens poéticas que equiparam personagens e símbolos da cultura grega (europeia) aos do continente africano, Luiz Gama adota a África como “sua Grécia” e, ao fazê-lo, elabora artisticamente um discurso antiescravista balizado na exaltação da raça e cultura negras. (BENEVIDES; SILVA; COQUEIRO, 2019, p. 205).

Representativos dessa caracterização são os versos da 3ª estrofe do poema “Lá vai verso”:

Oh! **Musa de Guiné**, cor de **azeviche**,
Estátua de granito **denegrado**,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço d'**urucungo**,
Ensina-me a brandir tua **marimba**,
Inspira-me a ciência da **candimba**,
(...).
(GAMA, [S.d.], p. 2).

Nessa passagem, temos a invocação de uma musa da Guiné, país africano, em lugar das musas gregas; a cor branca e o mármore são substituídos pelo azeviche e pelo granito denegrado, ou seja, o granito tornado negro. A lira é substituída por instrumentos musicais africanos: urucungo e marimba; e a inspiração do poeta vem da candimba, ciência misteriosa exclusiva dos sacerdotes do candomblé.

As referências à linguagem e aos temas clássicos, aparecem em Gama como paródia. Não é uma rendição de homenagens aos poetas da antiguidade, mas uma apropriação da linguagem para criar um discurso grandiloquente e crítico, provocado pela manutenção de aspectos formais com introdução de novos elementos, no caso, os elementos africanos.

Além dos versos acima, os dois últimos do poema “Novo sortimento de gorras para a gente de grande tom” também são representativos dessa apropriação:

"Picando, picarei por toda a parte,/Se a tanto me ajudar ferrão e arte." (GAMA, [S.d.], p. 71), paródia dos versos de Camões n'Os Lusíadas. Nas palavras de Duarte (2012, p. 62), trata-se de um discurso "Marcado pela distância crítica e pela inversão irônica em relação ao seu intertexto, o poema de Luiz Gama, ainda que busque elementos na epopeia camoniana, se opõe a ela."

Ainda em "Lá vai verso", o eu-lírico se coloca como Orfeu de carapinha. A referência à carapinha, cabelo crespo, rejeita a branquitude de Orfeu, poeta e músico mitológico grego, sem no entanto afastar a comparação com os dotes de versejador e músico (BENEVIDES; SILVA; COQUEIRO, 2019, p. 221).

Segundo Duarte (2012, p. 64), "Orfeu é aquele que volta ao passado, não o perde de vista" em alusão à lenda do músico que, ao retornar do Hades com sua amada Eurídice, não poderia olhar para ela até que vissem a luz dos sol. No fim do percurso, para se certificar de que ela o acompanhava, Orfeu olhou para trás e não a viu, pois Hades a havia tomado de volta por Orfeu ter descumprido o acordo. De modo que

(...) o personagem que Luiz Gama cria (Getulino) é coerente com tudo o que encontramos nas Trovas Burlescas e coerente com a postura do autor diante da sociedade: ao contrário dos demais mestiços, ele, Luiz Gama, não renega sua origem, antes, insiste na afirmação da sua identidade para que ela seja reconhecida. (DUARTE C., 2012, p. 64).

A mais conhecida composição de Gama é, sem dúvida, "Quem sou eu?", difundida também com o epíteto de "Bodarrada", última palavra do poema. A peça é composta por 138 versos, em redondilhas maiores. Como diz o título, é neste poema que o autor (aí confundido com o eu-lírico) se apresenta, valendo-se do pseudônimo de *Getulino*.

Num primeiro momento, o eu-lírico destaca a simplicidade, o comedimento e seu modo honesto de viver:

Amo o pobre, deixo o rico,
Vivo como o Tico-tico;
Não me envolvo em torvelinho,
Vivo só no meu cantinho:
Da grandeza sempre longe
Como vive o pobre monge.
(...)
Mas só rendo obediência
À virtude, à inteligência:
Eis aqui o Getulino
(GAMA, [S.d.], p. 56).

Ao dizer seu nome, Getulino, o discurso passa para a crítica social e ele se propõe a ser aquele que irá apontar os vícios da sociedade: "Mas eu sempre vigiando /Nessa súcia vou malhando" (GAMA, [S.d.], p. 56).

No momento final do poema, temos a assunção da identidade negra, vinda em forma de crítica à sociedade racista: "Hão de chamar-me tarelo,/Bode, negro, Mongibelo;/(...)/Se negro sou, ou sou bode/Pouco importa. O que isto pode?"

(GAMA, [S.d.], p. 57). De acordo com Benevides, Silva e Coqueiro (2019, p. 222-223), a palavra “bode”, no ocidente, foi vinculada à figura do diabo e, por consequência, adquiriu forte sentido negativo. À época de Luiz Gama, a palavra era utilizada como termo depreciativo para se referir ao indivíduo miscigenado, uma forma alternativa à palavra “mulato”.

Transparece nas composições poéticas e na biografia de Luiz Gama o fato de ele se identificar como negro, numa época em que outros que como ele tinham ascendência africana e europeia preferiam aproximar-se desta última. Segundo Duarte (2012, p. 60), isso se deve ao fato de no Brasil prevalecer o ideal do branqueamento, contrariamente ao processo que ocorre nos Estados Unidos.

Gama não deixou que estes indivíduos que buscavam a branquitude passassem incólumes. O “poema investe em uma crítica contundente e sarcástica ao discurso branqueador e à hipocrisia de muitos negros em negarem sua ancestralidade.” (BENEVIDES; SILVA; COQUEIRO, 2019, p. 224). Encontramos essa crítica, ostensivamente, nos seguintes versos: “Bodes há de toda a casta,/Pois que a espécie é muito vasta.../Há cinzentos, há rajados,/Baíos, pampas e malhados” (GAMA, [S.d.], p. 57). Pode-se ver que ao utilizar as palavras “cinzentos”, “rajados”, “baíos”, “pampas” e “malhados”, Gama fazia referência direta a pessoas miscigenadas.

Contudo, logo em seguida, a crítica vai se dirigir a outros elementos da sociedade. O poeta retira da palavra negro o sentido negativo, mas vale-se da palavra “bode”, ampliando sua significação, para investir também contra os brancos (ANDRADE; WANDERLEY, 2019, p. 139) e negros, pobres, ricos, entre outros.

Se negro sou, ou sou bode,
pouco importa.
O que isto pode?
bodes há de toda casta,
Pois que a espécie é muito vasta...
(...)
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
(...)
(GAMA, [S.d.], p. 57).

O poema “Quem sou eu?”, além de ser um manifesto da afirmação étnica de Luiz Gama, é, em grande medida, um discurso contra os vícios da sociedade, independente do estrato econômico ou racial, nem mesmo os “deuses” escapam (ANDRADE; WANDERLEY, 2019, p. 133). Ainda assim, podemos ver que o jorro catártico que é descarregado na parte final do poema advém especialmente contra a discriminação da população negra e contra o racismo. Ao equiparar todas as camadas da sociedade, Gama está, antes de tudo, destronando aqueles que se consideram superiores. Apesar de identificar a corrupção entre negros e pobres, não é a estes que seu discurso mais atinge, mas a hipocrisia da sociedade burguesa.

Duarte (2012) lembra que Luiz Gama, além de Camões, dialoga com vários outros autores, mas isso não significa que os repete. É algo que se poderia dizer antropofágico, “pois o autor consome, devora seus antecessores, mas os atualiza.” (DUARTE, 2012, p. 65).

Luiz Gama produziu uma obra poética diminuta, mas muito expressiva e de grande valor para a nossa literatura. Há, no entanto, dois pesares: o primeiro é o de que ela tenha sido esquecida por muito tempo; o segundo, o de que muito do que nela está ainda permaneça, de outra forma, atual.

Questões para avaliação:

ENEM – 2010 – Questão 23 (Caderno Azul):

Negro, filho de escrava e fidalgo português, o baiano Luiz Gama fez da lei e das letras suas armas na luta pela liberdade. Foi vendido ilegalmente como escravo pelo seu pai para cobrir dívidas de jogo. Sabendo ler e escrever, aos 18 anos de idade conseguiu provas de que havia nascido livre. Autodidata, advogado sem diploma, fez do direito o seu ofício e transformou-se, em pouco tempo, em proeminente advogado da causa abolicionista.

AZEVEDO, E. O Orfeu de carapinha. In: Revista de História. Ano 1, n.o 3. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, jan. 2004 (adaptado).

A conquista da liberdade pelos afro-brasileiros na segunda metade do séc. XIX foi resultado de importantes lutas sociais condicionadas historicamente. A biografia de Luiz Gama exemplifica a

- a) impossibilidade de ascensão social do negro forro em uma sociedade escravocrata, mesmo sendo alfabetizado.
- b) extrema dificuldade de projeção dos intelectuais negros nesse contexto e a utilização do Direito como canal de luta pela liberdade.
- c) rigidez de uma sociedade, assentada na escravidão, que inviabilizava os mecanismos de ascensão social.
- d) possibilidade de ascensão social, viabilizada pelo apoio das elites dominantes, a um mestiço filho de pai português.
- e) troca de favores entre um representante negro e a elite agrária escravista que outorgara o direito advocatício ao mesmo.

Resolução:

Alternativa b. A trajetória de Luiz Gama, citada no texto, demonstra que, na sociedade escravista do Brasil monárquico, existia a possibilidade de ascender socialmente e conseguir a liberdade, apesar de mostrar a dificuldade sofrida pelos mesmos. Todavia, apesar de libertos, esses indivíduos não eram integrados à sociedade, e por muitas vezes, sofriam preconceito ou eram marginalizados.

Disponível em:

<http://educacao.globo.com/provas/enem-2010/questoes/23.html>

Acesso em: 02 abr. 2020.

UFJF – Concurso Vestibular 2012-2 – Prova de História – Questão 3:
(adaptada)

Leia o poema abaixo e, em seguida, atenda ao que se pede:

Que mundo? Que mundo é este?
Do fundo seio dest'alma
Eu vejo...que fria calma
Dos humanos na fereza!
Vejo livre feito escravo
Pelas leis da prepotência;
Vejo a riqueza em demência
Postergando a natureza.

(...)

Vejo fidalgos d'estopa,
Ostentando os seus brasões,
Feio enxerto de dobrões
Nos troncos da fidalguia;
Vejo este mundo às avessas,
Seguindo fatal derrota,
Em quando farfante arrota
Podres grandezas de um dia!

(...)

O poder é só dos Cresos,
A ciência é de encomenda;
Sem capital e sem renda
Com pouco peso — o que val?
Talentos — palavrões ocios! —
Que nunca deixaram saldo;
Não há sustância no caldo
Que não tempera o metal!

(...)

Digam lá o que quiserem
Fale embora o maldizente;
Eu bem sei que tudo mente,
Sei que o mundo tem razão;
Se eu tivesse na algibeira
Alguns cobres, que ventura! —
Mudava o nome, a figura,
Ficava logo Barão!

GAMA, Luís. Primeiras Trovas Burlescas e
Outros Poemas. São Paulo: Martins Fontes,
2000.

Filho de uma africana livre e de um senhor branco que o vendeu como escravo aos 10 anos, Luiz Gama notabilizou-se em São Paulo, na década de 1860, pela sua atuação como jornalista, pela defesa da forma de governo republicana e pela atuação jurídica a favor da liberdade dos escravos.

A partir da leitura do poema e de seus conhecimentos, aponte, com suas palavras, duas críticas feitas por Luiz Gama à sociedade brasileira do século XIX.

Resolução:

O aluno poderá apontar o caráter aristocrático das relações sociais, a ausência de meritocracia, a permanência da escravidão, dentre outras.

Disponível em:

<http://www.ufjf.br/antenado/files/2012/06/Vest12-2-GHistoria.pdf>

Acesso em: 02 abr. 2020.

PUC-Campinas – Direito 2017 – Questão 155863:

Luiz Gama (1830-1882) foi um dos raros intelectuais negros brasileiros do século XIX, o único autodidata e também o único a ter sofrido a escravidão antes de integrar a república das Letras, universo reservado aos brancos. Em São Paulo, em 1859, lançou a primeira edição de seu único livro – Primeiras trovas burlescas

de Getulino –, uma coletânea de poemas satíricos e líricos até bem pouco rara. Pela primeira vez na literatura brasileira, um negro ousara denunciar os paradoxos políticos, éticos e morais da sociedade imperial. (...) Jamais frequentou escolas, pois, como afirmara, “a inteligência repele os diplomas, como Deus repele a escravidão”. Luiz Gama converteu-se no incansável e douto “advogado dos escravos”. O poeta então se eclipsa, cedendo lugar ao abolicionista e militante republicano.

(FERREIRA, Lígia Fonseca. “Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça”. Revista Teresa de Literatura Brasileira (8/9). São Paulo: Editora 34/Universidade de São Paulo, 2008, p. 301).

O caso de Luís Gama, abordado no texto, faz ver que

- a) a sátira literária foi apenas um primeiro passo para a militância de caráter político.
- b) mesmo na condição de escravo é possível aprimorar-se como intelectual.
- c) a alforria permitiu-lhe sublimar na forma lírica o que sofrera como escravo.
- d) ele enfrentou literariamente o paradoxo de ser ao mesmo tempo abolicionista e republicano.
- e) ele abraçou a religião tão logo alforriado, dedicando-se com fé à sua missão de escritor.

Resolução:

Alternativa a.

Disponível em:

<https://enem.estuda.com/questoes/?id=155863#>

Acesso em: 02 abr. 2020.

ENEM – 2017 – Questão 76 (Caderno Azul):

Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa da Mina (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida. Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa e, mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram efeito.

[AZEVEDO, E. “Lá vai verso!”: Luiz Gama e as primeiras trovas burlescas de Getulino. In: CHALHOUN, S.; PEREIRA, L. A. M. A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, adaptado.

Nesse trecho de suas memórias, Luiz Gama ressalta a importância dos(as)

- a) laços de solidariedade familiar.
- b) estratégias de resistência cultural.
- c) mecanismos de hierarquização tribal.

- d) instrumentos de dominação religiosa.
- e) limites da concessão de alforria.

Resolução:

Alternativa b. O autor menciona as estratégias para sua mãe conservar sua identidade como negra: não se batizou, nem aceitou a catequese e ainda era visada por conspirar. Tudo isso fazia parte dos negros escravizados para manter suas tradições dentro de uma sociedade majoritariamente branca.

Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/questoes-de-historia-do-brasil-enem/>

Acesso em: 02 abr. 2020.

Bibliografia e referências bibliográficas:

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. Dados Biográficos. Luiz Gama. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Março 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/655-luiz-gama>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BENEVIDES, José Lucas Góes; SILVA, Sandro Adriano da; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **O Orfeu de carapinha rendido à musa de Guiné: a burlesca poética de Luiz Gama e o ideário de branqueamento racial no império do Brasil**. Literatura E Sociedade, [S.l.], nº 29, p. 204-226, jan/jun 2019.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/162444/156260>.

Acesso em: 30 mar. 2020.

ANDRADE, Allyne de Oliveira; WANDERLEY, Naelza de Araújo. **A sátira em Luiz Gama: uma leitura do poema “Quem sou eu?”**. Revista A Cor das Letras, Feira de Santana, v. 20, n. 3, p. 128-142, dezembro de 2019. Disponível em:

<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4768/pdf>.

Acesso em: 30 mar. 2020.

GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino**. [S.d.]. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bn000101.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

DUARTE, Carina Marques. **Em vez da lira, a marimba: Luiz Gama, o orfeu de carapinha**. Cadernos do Instituto de Letras, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p. 53-66. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/download/30004/24606>. Acesso

em: 30 mar. 2020.

Proposta interdisciplinar.

Luiz Gama foi um homem múltiplo. Se na literatura sua produção se restringiu às Primeiras *Trovas Burlescas de Getulino*, sendo pequena a quantidade mas grande a importância, no meio jurídico ele foi ainda mais notável. Vítima do preconceito que lhe negou o diploma de advogado, ainda assim conseguiu legitimamente exercer a profissão e, com ela, não apenas fazer justiça, mas lutar contra a execrável instituição da escravidão.

Gama trabalhou gratuitamente pela liberdade de pessoas postas em cativeiro, além de utilizar as tribunas da justiça para manifestar-se contra todo o sistema que permitia legal e naturalmente que seres humanos possuíssem seus semelhantes. Uma de suas máximas mais conhecidas é a de que “o escravo que mata seu senhor age em legítima defesa”. Queria dizer, com isso, que a liberdade é um direito equivalente ao direito à vida e que, portanto, não se poderia imputar como conduta criminosa o ato cometido em defesa desse direito. A despeito das implicações éticas que essa sentença possa ter hoje em dia, temos que entendê-la em seu contexto, um tempo e espaço em que não havia alternativa aos escravizados a não ser a defesa física de suas vidas e de sua liberdade.

É o próprio Luiz Gama que, em carta ao amigo Lúcio de Mendonça, revela ter “arrancado às garras do crime” mais de 500 escravizados. A carta, datada de 25 de julho de 1880, é um importante documento histórico sobre Gama, já que nela ele nos dá um breve apanhado de sua biografia.

Santos (2015, p. 116)¹ afirma que os escravizados como não possuíam legitimidade jurídica para pleitear seus direitos [eram considerados bens e não pessoas], eram socorridos por Luiz Gama, que “ ignorava essa premissa e desafiava a justiça, instigando-a a dar respostas aos clamores maiores de liberdade e igualdade dessas pessoas.” (SANTOS, 2015, p. 116).

Em sua atividade jurídica contra a escravidão, Gama valia-se sobremaneira da invocação da Lei Eusébio de Queirós ou lei nº 581, de 4 de setembro de 1850, que proibia o tráfico de seres humanos da África para o Brasil (SANTOS, 2015, p. 112). Uma vez que a lei era constantemente burlada, Luiz Gama conseguiu provar em diversas ocasiões que aqueles a quem defendia estavam em cativeiro ilegal, por terem chegado ao país após a promulgação da Lei nº 581/1850.

A partir desse contexto, propõe-se, em conjunto com a disciplina de História, uma discussão crítica sobre o processo abolicionista brasileiro, o Decreto Lei de 26 de janeiro de 1818, a Lei Feijó, a Lei Eusébio de Queirós, a Lei do Ventre Livre, a Lei dos Sexagenários, até a Lei Áurea, destacando-se nesse processo a emblemática figura de Luiz Gama, provavelmente o maior e mais legítimo abolicionista de nossa história.

¹SANTOS, Jair Cardoso dos. Luiz Gama: entrelaces poéticos e egalité. In: Seminário Interlinhas, 2015.1, 2015, Alagoinhas, BA. Anais [...]. Alagoinhas: Fábrica de Letras, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/asipc/article/download/4744/2983#page=10>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CAROLINA MARIA DE JESUS

Uma escritora improvável

Assim definiu Carolina Maria de Jesus o escritor e historiador Joel Rufino dos Santos. Carolina, uma mulher negra, semi-alfabetizada e moradora da favela do Canindé em São Paulo, tinha contra si as adversidades que dificilmente a deixariam chegar a ocupar o espaço que ocupa ou deveria ocupar em nossa literatura.

Carolina nasceu no município mineiro de Sacramento, em 14 de março de 1914, mesmo dia em que nasceu outro grande escritor negro brasileiro: Abdias Nascimento. De família humilde, Carolina frequentou a escola por apenas dois anos.

Em 1947, Carolina Maria de Jesus já está na cidade de São Paulo, e como acontece ainda hoje com muitos migrantes sem recursos, foi viver precariamente na extinta favela do Canindé, a que ela chamava o “quarto de despejo” da cidade. Vivia na favela com seus três filhos, e para sustentar a família, catava papel e latas.

Eu cato papel, mas não gosto.
Então eu penso: Faz de conta que
eu estou sonhando.

Do lixo também vinham os cadernos que Carolina usava como material para registrar os seus diários, no cotidiano da vida na favela. Embora tivesse estudado formalmente durante pouco tempo, ela sempre teve apegos à leitura e à escrita e sempre se considerou uma escritora.

Na final da década de 1950, o jornalista Audálio Dantas, ao se dirigir à favela do Canindé para realizar uma reportagem, trava contato com Carolina e descobre os seus diários, que são publicados como o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, no ano de 1960. O livro fez enorme sucesso à época, alcançando vendas extraordinárias.

Quarto de despejo é um relato vigoroso da vida na favela e das condições desumanas impostas às pessoas em situação de vulnerabilidade social. Fome, frio, violência, falta de condições básicas de saneamento e higiene são mostrados pelo olhar de quem os vivenciou.

Mas, além disso, o livro é também rico em reflexões sobre a vida, sobre o amor, sobre literatura, sobre política, pois Carolina ultrapassou a barreira de todas as improbabilidades.



Carolina Maria de Jesus autografa seu livro



Capa da 1ª edição de *Quarto de despejo*.

Algumas obras de Carolina Maria de Jesus

- *Quarto de despejo: diário de uma favelada*
- *Casa de Alvenaria*
- *Diário de Bitita*
- *Pedaços da fome*
- *Provérbios*
- *Meu estranho diário*
- *Antologia pessoal (Poesia)*
- *Onde estaes felicidade?*

Ouça



**LP *Quarto de Despejo*
RCA Victor, 1961**

Carolina Maria de Jesus não foi apenas escritora.

A palavra cantada também era uma de suas paixões. Clique no ícone para ouvir a voz de Carolina em algumas canções de sua autoria, na Rádio Batuta.

QUEM FOI CAROLINA DE JESUS? Canal Curta!

O jornalista Tom Farias fala sobre a vida de Carolina Maria de Jesus e apresenta o livro *Carolina: uma biografia*.

Assista



12 de junho [1958] Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.

Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama.

As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.

Carolina Maria de Jesus
Quarto de despejo: diário de uma favelada
[fragmento]

Para saber mais...

Assista

[Carolina de Jesus Parte 1, programa Nação de 18/09/2015, TVE RS](#)

[Carolina de Jesus Parte 2, programa Nação de 25/09/2015, TVE RS](#)

Vá também ao

literafro
o portal da literatura afro-brasileira

PLANO DE AULA

CAROLINA MARIA DE JESUS

Disciplina(s):

Língua Portuguesa, Literatura e Redação.

Conteúdo:

Literatura brasileira contemporânea; literatura afro-brasileira; literatura de denúncia social; literatura de introspecção; diário: gênero literário.

Público alvo:

Alunos do 3º ano do ensino médio de todos os cursos técnicos integrados.

Justificativa:

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi um sucesso de vendas à época de seu lançamento. Segundo Audálio Dantas, o repórter que descobriu Carolina M. de Jesus, apesar de muitos autores de sucesso terem escrito sobre a obra, isso não foi suficiente para que outros “torcessem o nariz” para o livro, inclusive, lançando dúvidas sobre sua autenticidade. Recentemente, o livro vem sendo adotado como leitura obrigatória para exames vestibulares de algumas universidades, o que tem contribuído com a sua divulgação.

A literatura presente em *Quarto de despejo* é um vasto repositório de reflexões éticas, morais, políticas e filosóficas. A linguagem, distante dos padrões normativos, merece destaque por ser perceptível o trabalho da autora em torná-la literária e expressiva.

Pode-se instigar e contextualizar o estudo de *Quarto de despejo* a partir de uma analogia com a obra *O Cortiço*, por ambas situarem suas narrativas em ambientes habitacionais precários. O livro de Carolina, no entanto, afasta-se do outro pela autenticidade da narrativa e por não construir um discurso baseado nos esquemas da literatura naturalista que, entre outras coisas, pautava-se pelo determinismo da influência do meio social na constituição do caráter humano.

Cronologicamente, *Quarto de despejo* surge no fim do Modernismo, quando ganha notoriedade na literatura oficial brasileira a escrita de natureza intimista e psicológica, além de ser também o período marcado pelo regionalismo, principalmente com Guimarães Rosa. Em maior ou menor escala, o diário de Carolina nos traz também uma visão “regionalista” e intimista, mas que, tanto na vida quanto na arte, foi marginalizada.

Objetivos:

- apresentar a escritora Carolina Maria de Jesus aos alunos;
- demonstrar a constituição do texto literário a partir da narrativa do cotidiano em um diário;
- discutir a literariedade do texto a partir de concepções sobre o registro linguístico fora da norma-padrão;

- discutir a literariedade do texto a partir do uso expressivo da linguagem;
- demonstrar os aspectos sociais presentes no texto de *Quarto de despejo*.

Procedimentos metodológicos:

- apresentar aos alunos uma breve biografia de Carolina M. de Jesus. Sugere-se assistir ao vídeo de apresentação do livro *Carolina: uma biografia*, de Tom Farias, [neste link](#);
- disponibilizar aos alunos trechos selecionados da obra para leitura. Sugere-se a íntegra de 5 conjuntos de textos, conforme os agrupamentos seguintes (de acordo com as datas do diário/livro): a) 15/07/1955, 05/06/1958 e 01/01/1960; b) 09/05/1958 e 06/01/1959; c) 13/05/1958, 07/10/1958 e 30/06/1959; d) 12/06/1958 e 25/12/1958; e) 06/08/1958, 20/09/1958 e 04/11/1958. Cada aluno poderá receber um ou mais conjuntos (a critério do professor).
- contextualizar o livro *Quarto de despejo* como uma composição em forma de diário e, a partir disso, apresentar/debater as características desse gênero;
- discutir os (alguns) trechos do livro lidos pelos alunos de modo a abordar a sua literariedade, tendo por base os aspectos levantados por Nascimento e Soares (2018) e Silva (2019).

Recursos didáticos:

- quadro, pincel e apagador, para possíveis anotações;
- material de escrita dos alunos (caderno e caneta) para anotações;
- texto impresso de trechos do livro para os alunos (ou disponibilizado em meio eletrônico, a depender das condições de acesso a este recurso, ou ainda reproduzido em slides/vídeo).
- equipamento de áudio e vídeo, com acesso à internet, para a exibição das informações biográficas de Carolina M. de Jesus.

Avaliação:

A avaliação poderá ser feita com base na participação dos alunos no debate em sala de aula. Espera-se que eles possam apreender as características do diário como gênero literário e as características literárias presentes na obra *Quarto de despejo*.

Tempo estimado:

Uma aula de 55min.

Preparando a aula.

Diário como gênero literário.

Conforme Nascimento e Soares (2018, p. 128), o gênero diário costuma ser visto por muitos críticos como um gênero menor, pois o falar de si teria menos valor do que a construção de uma obra ficcional.

Algumas das características desse gênero apontadas pelas autoras são:

- a demarcação cronológica;
- a fragmentação da narrativa (não há uma continuidade como no enredo de um romance);

- a repetição, pois o diário narra fatos do cotidiano;
- o conteúdo depende da finalidade a que se propõe o diário;
- a forma e a linguagem são livres, podendo coexistir formas e registros linguísticos diferentes, como a narrativa, a asserção; a norma-padrão e a linguagem informal.

Quarto de despejo: diário de uma favelada: excertos e comentários.

A despeito do sucesso de vendas alcançado por *Quarto de despejo* quando de seu lançamento, o livro foi ignorado pela crítica e apenas recentemente vem sendo redescoberto.

Ao preconceito em relação à obra, podem ser atribuídos vários fatores: o registro linguístico afastado da norma-padrão; o fato de ser um diário, considerado um gênero menor; o *locus* em que se passa a narrativa, a favela, um espaço social desprestigiado e, por fim, a própria autora, cuja condição de quase iletrada (estudou formalmente por apenas 2 anos) não poderia ser admitida por aqueles que referendam o que é literatura.

Contudo, podemos ver na obra diversos aspectos que fazem dela não apenas um documento histórico importante, como também uma peça literária a ser considerada para estudo, reflexão e fruição.

Nascimento e Soares (2018, p. 136) afirmam que Carolina buscava utilizar a norma culta (norma-padrão) da língua, inspirada pelos escritores românticos. A **linguagem** de seus textos seria um misto de **erudito e popular**.

Podemos ver algumas dessas características no trecho abaixo, em marcas como a utilização da ênclise, a escolha de palavras e construções como “trajes”; “rotos”; “havia jogado” em vez de “tinha jogado”. Por outro lado, há equívocos em relação à grafia de palavras como em “miseraveis” e “despreso”.

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseraveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com despreso. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fabrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (JESUS, 2014, p. 54).

É importante ressaltar que um dos fundamentos do texto literário é a utilização da **linguagem** de forma **expressiva**, de modo a despertar no leitor a sensação estética. No mesmo trecho acima, há passagens reveladores dessa linguagem: “diretor do sindicato dos miseraveis” – quebra de expectativa proporcionada pela palavra “diretor”, que indicaria uma posição social/econômica respeitável; “O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com despreso”, enunciação por meio de linguagem lírica do estado psicológico da personagem/pessoa observada por Carolina.

Ainda sobre isso, acrescenta-se o uso recorrente da quebra de expectativa proporcionada pela descrição de cenas repletas de **lirismo** seguidas por nar-

-rativas da **dura realidade** vivida pela autora/personagem:

Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tepido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água. (JESUS, 2014, p. 14); Dia das Mães. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infelizes por não poder realizar os desejos dos seus filhos. (JESUS, 2014, p. 30).

Ainda no tema linguagem, Nascimento e Soares (2018, p. 137) defendem o posicionamento de que os afastamentos da linguagem dita padrão é, em Carolina, uma **marca de identidade**, pois se configuram em registros da **oralidade** presente em seu meio social.

Ela vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. (JESUS, 2014, p. 19).

A falta das desinências de número e pessoa nas formas verbais é um fato identificado inclusive na fala de camadas sociais letradas.

Muito embora o gênero diário possa ser repetitivo, em *Quarto de despejo* as **micronarrativas** dão sustentação à obra. Carolina falava também de outras pessoas e inseria no texto **reflexões** das mais variadas (NASCIMENTO; SOARES, 2018, p. 138):

Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: faz de conta que eu estou sonhando." (JESUS, 2014, p. 29).

Chamam a atenção também a expressão poética e toda a carga emotiva dessa passagem.

Podemos encontrar ainda passagens marcadas pelo **humor**. Às vezes escatológico, outras mórbidas, mas principalmente em tom de denúncia social e política. Aqui também a linguagem desempenha papel importante. Vejamos alguns exemplos:

Dizem que a Princesa Margareth da Inglaterra tem desgosto de ser princesa. São os dilemas da vida. (JESUS, 2014, p. 104);

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. (JESUS, 2014, p. 53).

A **denúncia social** da **miséria**, do **racismo** e da **violência** está fortemente marcada na obra:

Pensei no senhor Tomás que suicidou-se. Mas, se os pobres do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, não ficaria nenhum vivo. (JESUS, 2014, p. 162);

Então começamos a falar sobre o preconceito. Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros nas escolas. Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se. (JESUS, 2014, p. 122);

Era 19 horas quando o senhor Alexandre começou a brigar com a sua esposa. Dizia que ela havia deixado seu relógio cair no chão e quebrar-se. Foi alterando a voz e começou a espancá-la. (JESUS, 2014, p. 184).

Como não poderia deixar de ser, Carolina assume na narrativa seu **pertencimento étnico-racial**.

(...) Esquecendo-se êles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. (...). Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64).

Quarto de despejo também expõe algumas situações controversas, que devem servir de oportunidade a discussões críticas proveitosas. São exemplos dessas situações as várias passagens de violência física infligida por Carolina a seus filhos. Também as várias manifestações negativas em relação à favela e a seus moradores, vistos muitas vezes por Carolina como imorais, ociosos, truculentos e obscenos. Mesmo as mulheres, tantas vezes vítimas de episódios de violência presenciados por Carolina, não escaparam à sua crítica. No dizer de Silva (2019, p. 6-7), Carolina compartilha “uma série de preconceitos misóginos que eram (e ainda são) socialmente vigentes: as mulheres como tagarelas, traiçoeiras e provocantes.” Todos esses aspectos mencionados, e ainda tantos outros presentes na obra, fazem com que ela possa ser apreciada para além dos limites do texto literário.

Bibliografia e referências bibliográficas:

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. Dados Biográficos. Carolina Maria de Jesus. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Março 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 24 mar. 2020.

NASCIMENTO, Cleideni Alves do; SOARES, Marly Catarina. **Quarto de despejo: escrita e autora marginalizadas**. Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão, v. 30, jul.-dez., p. 127-143, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9906/7612>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. **Des(p)ejo das palavras: relendo os primeiros diários de Carolina Maria de Jesus**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-13, set. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200205&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2020.

Propostas interdisciplinares.

Quarto de despejo é uma obra vasta, tanto no sentido intratextual como extratextual. Por isso mesmo, ela nos proporciona várias leituras e inúmeras reflexões que não se restringem ao domínio da literatura.

Propomos aqui algumas sugestões para novas leituras e trabalhos interdisciplinares, tomando por referência alguns dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG – *Campus* Rio Pomba.

Cabe, no entanto, aos docentes de literatura, em conjunto com os professores das áreas técnicas específicas dos cursos, avaliarem a pertinência e a oportunidade de implementarem essas propostas.

Técnico Integrado em Alimentos.

A fome e a alimentação precária perpassam toda a narrativa de Carolina, pois eram presenças reais em sua vida, na vida de seus filhos e de seus vizinhos de infortúnio na favela do Canindé.

De acordo com aquilo a que se propõe o curso Técnico Integrado em Alimentos, pode-se discutir as possibilidades de acesso a uma alimentação de qualidade para a população em geral, por meio técnicas produtivas e políticas que viabilizem a erradicação da subnutrição.

A área de Sociologia também pode ser integrada a esta proposta.

Técnico Integrado em Agroecologia e Zootecnia.

O processo histórico de constituição e multiplicação das favelas passa, inevitavelmente, pelo fluxo migratório de pessoas provenientes de municípios do interior do país, cujas atividades econômicas muitas vezes estão vinculadas ao meio agrário. A própria autora de *Quarto de despejo* é um arquétipo dessas pessoas.

Dito isso, propõe-se, a partir do texto do livro e da biografia de Carolina Maria de Jesus, discutir, no âmbito dos cursos Técnico Integrado em Agroecologia e Zootecnia, os efeitos do êxodo rural, tanto para o “inchaço” dos grandes centros urbanos como para o esvaziamento do meio rural e as possíveis consequências negativas desses processos.

A área de Geografia também pode ser integrada a esta proposta.

Técnico Integrado em Meio Ambiente.

As favelas são caracterizadas pela precariedade de suas construções, pela falta generalizada de infraestrutura e, conseqüentemente, pela falta de saneamento básico. Outro grave problema desses espaços é que são constituídos muitas vezes em áreas de proteção ambiental, degradando ambientes essenciais à vida selvagem, poluindo rios e nascentes, causando a erosão do solo, entre outras coisas.

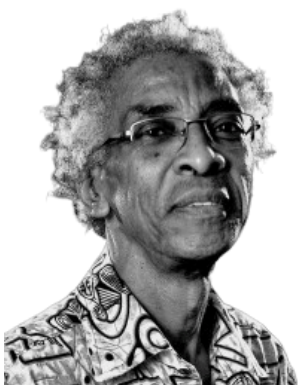
A favela do Canindé, *locus* da narrativa de *Quarto de despejo* e local de residência de sua autora, hoje já não existe mais. Ficava em uma área de várzea, às margens do rio Tietê, em São Paulo, e deu lugar à Marginal Tietê.

A partir do livro e da história da favela do Canindé, pode-se discutir os impactos ambientais causados pela ocupação de áreas vitais ao meio ambiente, como é o caso dos rios e de suas margens. Para além disso, como o poder público e a iniciativa privada podem ser também agentes desse processo de degradação, vide o caso da favela do Canindé que deu lugar a uma rodovia.

As áreas de História e Geografia também podem ser integradas a esta proposta.

CUTI

Um escritor multifacetado



Luiz Siva, mais conhecido como Cuti (pronuncia-se Cúti), é natural da cidade de Ourinhos, interior do estado de São Paulo, nascido no ano de 1951.

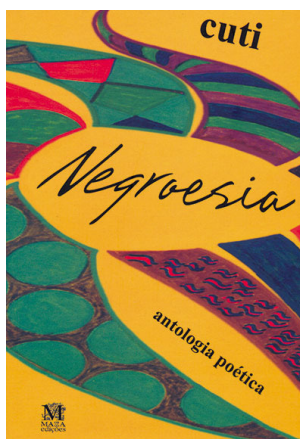
É, sem dúvida, um dos grandes escritores e intelectuais brasileiros da atualidade, atuando em diversas frentes literárias e não literárias. É poeta, prosador, dramaturgo, ensaísta, grande promotor da literatura e da cultura negra brasileiras, além de ser uma das mais destacadas vozes no combate ao racismo no campo literário e social.

Cuti é Doutor em Letras pela Unicamp e entre suas obras de não-ficção destacam-se *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto* e *Literatura negro-brasileira*.

É um dos fundadores da série *Cadernos Negros*, que desde 1978 vem publicando anualmente coletâneas de contos e poesias de escritoras e escritores negros, consagrados e iniciantes, ajudando a revelar e a consolidar cada vez mais nomes da literatura afro-brasileira. Cuti participou também da fundação do *Quilombhoje*, coletivo cultural e editora responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*.

Tanto em seus escritos teóricos quanto literários, Cuti faz ressoar a voz de combate às injustiças sociais, principalmente aquelas que acometem de forma mais veemente a população negra. O racismo institucional e a introjeção do preconceito racial são aspectos recorrentemente denunciados em seus textos.

Engana-se quem pensa que a obra de Cuti resume-se ao discurso político e social, tampouco que sua qualidade seja menor por isso. Como escritor de talento singular, ele explora muitos outros temas, e o faz com maestria, como o impecável domínio da linguagem, destacando-se, por exemplo, a criação de neologismos de rara perspicácia.



Negroesia

Como escritor negro, defensor de sua identidade, é natural que escreva a partir desse ponto de vista, e que isso possa igualmente causar estranhamento ao leitor brasileiro acostumado às leituras tradicionais, produzidas pela e para uma sociedade moldada pelos padrões estéticos europeus.

Assim como outros escritores negros da contemporaneidade, em especial, Cuti não recebe a devida atenção dos círculos oficiais. Talvez o futuro o reconheça, mas é preciso começá-lo já.

Algumas obras de Cuti

Poesia

- *Poemas da carapinha*
- *Batuque de tocaia*
- *Sanga*
- *Negroesia. Antologia Poética*
- *Poemaryprosa*

Contos

- Quizila
- Negros em contos
- Contos Crespos
- Contos escolhidos

Dramaturgia

- Suspensão
- Dois nós na noite e outras peças de teatro negro-brasileiro

Ouçã



Quilombo de Palavras

Uma produção dos poetas Cuti e Carlos de Assumpção. São 12 poemas de cada um dos autores, declamados por eles mesmos.

Produção dedicada à memória do militante José Correia Leite e à memória do poeta Solano Trindade.

Gravado de dezembro de 1996 a janeiro de 1997, no Estúdio Mix, na cidade de Franca.

QUEBRANTO

às vezes sou o policial que me suspeito
me peço documentos
e mesmo de posse deles
me prendo
e me dou porrada

às vezes sou o porteiro
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço

às vezes sou o meu próprio delito
o corpo de jurados
a punição que vem com o veredicto

às vezes sou o amor que me viro o rosto
o quebranto
o encosto
a solidão primitiva
que me envolvo com o vazio

às vezes as migalhas do que sonhei e não comi
outras o bem-te-vi
com olhos vidrados
trinando tristezas

um dia fui abolição que me lancei de supetão no
espanto

depois um imperador deposto
a república de conchavos no coração
e em seguida uma constituição
que me promulgo a cada instante

também a violência dum impulso
que me ponho do avesso
com acessos de cal e gesso
chego a ser

às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
sinto-me a miséria concebida como um eterno
começo

fecho-me o cerco
sendo o gesto que me nego
a pinga que me bebo e me embebedo
o dedo que me aponto
e denuncio
o ponto em que me entrego.

às vezes!...

In: *Negroesia: antologia poética*. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.



Contos Crespos
Coletânea de contos

Foram os estrangeiros estudiosos do Brasil que deram início ao questionamento envolvendo africanos escravizados, sua descendência e a literatura brasileira. Tal fato demonstra, por si só, tratar-se de assunto de difícil “digestão” para os próprios brasileiros.

No Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas. O domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura. A crítica obedecia aos pressupostos do padrão de escrever da metrópole e por esse viés valorizava ou desqualificava as obras.

In: Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

INCIDENTE NA RAIZ

Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório. No cabelo crespo deu um jeito. Produto químico e fim! Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora. Qualquer indício, munia-se de pasta alisante, ferro e outros que tais e...

O nariz, já não havia nenhuma esperança de eficácia no método de prendê-lo com pregador de roupa durante horas por dia. A prática materna não dera certo em sua infância. Pelo contrário, tinha-lhe provocado algumas contusões de vasos sanguíneos. Agora, já moça, suas narinas voavam mais livremente ao impulso da respiração. Detestava tirar fotografias frontais. Preferia de perfil, uma forma paliativa, enquanto sonhava e fazia economias para realizar operação plástica. E os lábios? Na tentativa de esconder-lhes a carnosidade, adquirira um cacoete – já apontado por amigos e namorados (sempre brancos) – de mantê-los dentro da boca.

Sobre a pele, naturalmente bronzeada, muito creme e pó para clarear. Lá um dia, veio alguém com a notícia de “alisamento permanente”. Era passar o produto nos cabelos uma só vez e pronto, livrava-se de ficar de olho nas raízes. Um gringo qualquer inventara a tal fórmula. Cobrava caro, mas garantia o serviço. Segundo diziam, a substância alisava a nascente dos pelos. Jussara deixou-se influenciar. Fez um sacrifício nas economias, protelou o sonho da plástica e submeteu-se.

Com as queimaduras químicas na cabeça, foi internada às pressas, depois de alguns espasmos e desmaios.

Na manhã seguinte, ao abrir com dificuldade os olhos, no leito de hospital, um enfermeiro crioulo perguntou-lhe:

Tá melhor, nêga?

Ela desmaiou de novo.

In: Contos Crespos. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 97-98..

Para saber mais...

Visite o *site* do autor

<https://www.cuti.com.br>

Vá também ao

literafro
o portal da literatura afro-brasileira

PLANO DE AULA

CUTI

Disciplina(s):

Língua Portuguesa, Literatura e Redação, com proposta interdisciplinar em Sociologia.

Conteúdo:

Literatura brasileira contemporânea; literatura afro-brasileira; poesia; ações afirmativas; relações étnico-raciais.

A expressividade literária e a denúncia social na poesia de Cuti, a partir do poema *Gota do que não se esgota*.

Público alvo:

Alunos do 3º ano do ensino médio de todos os cursos técnicos integrados.

Justificativa:

A literatura produzida por autores negros não tem encontrado o devido reconhecimento pelo cânone literário nacional, especialmente escritores contemporâneos. Cuti (Luiz Silva) é um dos autores atuais cuja poesia merece atenção pelos temas sociais de denúncia do preconceito e do racismo; pelo refinamento das suas composições, com um trabalho de linguagem esmerado e repleto de neologismos muito bem construídos; versos livres e musicais e referências extrínsecas muito bem captadas.

Objetivos:

- apresentar o poeta Cuti aos alunos;
- demonstrar as características intrínsecas do poema (rimas, aliterações, assonâncias, intertextualidade), relacionando-as com a temática abordada no texto;
- proporcionar aos alunos a compreensão do sistema de cotas para ingresso em instituições de ensino a partir da visão do eu-lírico do poema, que reflete o sentimento de pertencimento racial negro de seu autor.

Procedimentos metodológicos:

- os alunos se reúnem em grupos de 3 a 4;
- apresentar aos alunos uma breve biografia do escritor Cuti;
- realizar a leitura do poema de forma individual (opcionalmente, o poema pode ser declamado por um aluno ou professor);
- os alunos deverão analisar os aspectos do poema que lhes chamarem a atenção, destacando as questões intrínsecas e também a mensagem do texto, para posterior debate;
- no debate, o professor deverá repassar cada estrofe do poema, mediando a manifestação dos alunos.

Obs.: pode-se convidar um professor de Sociologia para aprofundar a discussão sobre cotas raciais. Este plano deverá ser adaptado a esta proposta em conjunto com esse professor.

Recursos didáticos:

- quadro, pincel e apagador, para possíveis anotações;
- material de escrita dos alunos (caderno e caneta) para anotações;
- texto impresso do poema para os alunos (ou disponibilizado em meio eletrônico, a depender das condições de acesso a este recurso).

Avaliação:

A avaliação poderá ser feita com base na participação dos alunos no debate em sala de aula. Espera-se que eles possam apreender aspectos do uso expressivo da linguagem poética e também formar entendimento sobre a questão das cotas raciais.

Alternativamente, os alunos poderão produzir um relato da aula, destacando os aspectos da linguagem e do tema que lhes chamaram a atenção no poema.

Tempo estimado:

Uma aula de 55min, caso seja discutido apenas o poema e de modo mais sucinto o assunto “cotas raciais”, ou 2 aulas de 55min no caso da participação do professor de Sociologia para aprofundamento do debate sobre cotas raciais.

Preparando a aula.

Comentários sobre o poema *Gota do que não se esgota*.

Título:

Gota do que não se esgota.

No título do poema, deve-se atentar para a expressividade formada a partir da sonoridade de “gota” e “esgota”. Além disso, demonstra-se no título uma noção de perpetuação da situação que será tratada no poema.

1ª estrofe:

cota é só a gota
a derramar o copo
não a mágoa do corpo
mas energia represada
que agora se permite e voa
em secular esforço
de superar-se coisa e se fazer pessoa

Nesta primeira estrofe, o autor introduz o assunto do poema: “as cotas”. A passagem é marcada por assonâncias e aliterações (cota, só, gota, copo, corpo) e pelo uso de rimas (corpo/esforço; voa/pessoa). A cota é destacada como apenas a gota, ou seja, algo muito incipiente. Ainda assim, o poeta ressalta sua importância frente ao “secular esforço” (duradouro) de “superar-se coisa e se fazer pessoa”, referindo-se, neste caso, aos escravizados, que eram considerados bens patrimoniais, e a todo o processo de luta por espaço e por direitos sociais básicos que foram e são negados à população negra.

2ª estrofe:

cota é só a gota
apenas nota de longa pauta
a ser tocada
com o fino arco
em mãos calosas

Atente-se para a comparação “cota/gota” e “nota/longa pauta”. Também “mãos calosas”, trazendo a imagem de trabalho penoso.

3ª estrofe:

cota é só a gota
a explodir o espanto
de se enxugar no riso
a imensidão do pranto

Uso de aliterações (explodir, espanto, pranto), bem como a rima entre esses dois últimos vocábulos. Contraposição entre o tamanho imenso do “pranto” (todo o processo de exclusão social sofrido pela população negra, como escravizados e também no pós-abolição) e a exiguidade de “cota/gota”.

4ª estrofe:

ela é só a gota
ruindo pela base
a torre de narciso

Aqui o poeta demonstra que as cotas são um processo lento de correção de injustiças sociais ao dizer que elas são como uma gota ruindo uma torre. É utilizada a expressão “torre de narciso”, talvez por analogia à “torre de marfim”, um espécie de mundo alheio às questões práticas, aos problemas sociais. Importante lembrar que Narciso é um personagem mitológico que admirava a própria beleza. Nesse sentido, o poeta pode querer dizer também que se trata da torre daqueles que se consideram o centro da sociedade e legítimos donos da torre (posição social).

5ª estrofe:

é só a gota
entusiasmo na rota
afirmativa
que ameniza as dores da saga
suas chagas de desigualdade amarga

Destacam-se aqui as rimas (afirmativa/ameniza; saga/amarga). Importante lembrar que por se tratarem de versos livres nem sempre as rimas se encontrarão no final dos versos. Também as aliterações e assonâncias (sagas, suas, chagas, amarga) aparecem novamente. Chama a atenção o uso de “afirmativa”, termo utilizado para se referir às ações afirmativas, que são as políticas públicas que visam minimizar os efeitos de desigualdades sociais decorrentes, neste caso, da discriminação racial.

6ª estrofe:

cota é só a gota
meta de quem pagou e paga
desmedido preço de viver imposto
e agora exige
seu direito a voto
na partição do bolo

Reaparecem as aliterações (pagou, paga, preço, imposto, partição). O uso reiterado do fonema /p/ traz a sensação de explosão, sublimando o impacto do conteúdo dos versos. O poeta fala ainda em “partição do bolo”, que é um conceito de algumas políticas econômicas que tendem a restringir os investimentos públicos com a promessa de prover a distribuição no futuro, quando houver “crescido o bolo”.

7ª estrofe:

é só a gota
de um mar de dívidas
contraídas
pelos que sempre tornaram gorda a sua cota

O “mar de dívidas contraídas” assemelha-se à “imensidão do pranto” na 3ª estrofe. O último verso chama a atenção por propor uma inversão do raciocínio em relação às cotas. Tende-se a pensar em cotas, no contexto aqui proposto, como uma parcela menor de vagas destinada a um determinado grupo. Porém, cota significa parte de um todo, que não é necessariamente a menor. O autor denuncia, portanto, aqueles que detêm os privilégios, e que, com isso, excluem os demais.

8ª estrofe:

cota é só a gota afrouxando botas
de um exército
para o exercício da equidade

Nesta estrofe, “afrouxando botas” indica que o “exército” está tendo sua “carga aliviada”, está recebendo as oportunidades para poder se inserir nos espaços sociais que são devidos a ele, podendo equiparar-se (equidade) aos “comandantes”.

9ª estrofe:

cota não reforça derrota
equilibra
entre ponto de partida
e ponto de chegada
a vitória coletiva
reinventada.

Presença de rimas dos 4 últimos versos em esquema ABAB. O autor conclui o poema emitindo uma opinião sobre a cota. O ponto de vista defendido insere-

-se num tema muito discutido que é se as cotas seriam benéficas de fato ou se ajudariam a fomentar o preconceito e a estigmatizar a população negra. É importante ressaltar o que diz o poema: “equilibra/entre ponto de partida/e ponto de chegada”. Portanto, trata-se da concessão de oportunidade a partir da qual poderá ser reparado o histórico de condições adversas enfrentadas pela população negra.

Apreciações gerais:

Na maioria dos versos iniciais de cada estrofe há a presença da palavra “cota” (nas estrofes 4, 5 e 7 ela está subentendida). A repetição é um recurso importante à conexão das estrofes e enfatiza o tema tratado no poema, construindo as argumentações ao longo dos poemas, de modo a chegar à conclusão na 9ª estrofe.

Não há no poema a demarcação textual da “subjetividade negra” do autor. É importante conhecer-lhe a identidade para saber a partir de qual ponto de vista ele fala e para quem fala.

Obs.: As colocações feitas acima não esgotam os sentidos e as interpretações que possam ser feitas sobre o poema. Refletem a análise feita pelo autor deste material.

Bibliografia e referências bibliográficas:

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 23 mar. 2020.

CUTI [LUIZ SILVA]. **Negroesia: antologia poética.** 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. Dados Biográficos. Cuti. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Março 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/212-cuti>. Acesso em: 23 mar. 2020.

UFMG. Inclusão social, um debate necessário? Os 10 mitos sobre as cotas. Universidade Federal de Minas Gerais Março 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=53>. Acesso em: 23 mar. 2020.

ESCRITORAS E ESCRITORES

Conforme dissemos na apresentação deste material, listamos aqui o nome de algumas dezenas de escritoras e escritores da literatura afro-brasileira para que eles possam ser buscados nas bibliotecas, livrarias e na *internet*.

A lista reúne nomes do passado que foram completamente ocultados na historiografia literária oficial, como é o caso de Domingos Caldas Barbosa, que viveu e escreveu no século XVIII. Conta também com nomes consagrados, como é o caso de Machado de Assis, que durante muito tempo foi "embranquecido" nas representações imagéticas e, conseqüentemente, também nas mentes dos leitores. Por fim, os escritores da contemporaneidade, muitos dos quais ainda lutam por ter sua obra reconhecida, principalmente pelo grande público leitor.

As informações sobre a vida e a obra da maioria dos escritores e escritoras podem ser obtidas por meio do [Portal Literafro](#) e no livro *Literatura Afro-brasileira Vol. 1: 100 autores do século XVIII ao XX*, que está nas indicações para aquisições e nas referências bibliográficas.

Século XVIII:

Domingos Caldas Barbosa

Século XIX:

Bernardino da Costa Lopes

Cruz e Sousa

Gonçalves Crespo

José do Patrocínio

Luiz Gama

Machado de Assis

Maria Firmina dos Reis

Paula Brito

Silvério Gomes Pimenta

Século XX e atualidade:

Abdias Nascimento

Abelardo Rodrigues

Abílio Ferreira

Aciomar de Oliveira

Adão Ventura

Ademiro Alves (Sacolinha)

Akins Kinte

Aldri Anunciação

Aline França

Allan da Rosa

Aloisio Resende

Alzira dos Santos Rufino

Ana Cruz

Ana Maria Gonçalves

Anajá Caetano

Anelito de Oliveira

Anizio Vianna

Antonieta de Barros

Antônio Vieira

Aristides Teodoro

Arlindo Veiga dos Santos

Arnaldo Xavier

Bahia (José Ailton Ferreira)

Carlos Correia Santos

Carlos de Assumpção

Carmen Faustino

Carolina Maria de Jesus

Cidinha da Silva

Conceição Evaristo

Cristiane Sobral

Cuti (Luiz Silva)

Cyana Leahy-Dios

Domício Proença Filho

Edimilson de Almeida Pereira

Edson Lopes Cardoso

Eduardo de Oliveira

Elaine Marcelina

Éle Semog

Eliana Alves Cruz

Eliane Marques

Elio Ferreira

Elisa Lucinda

Elisa Pereira

Elizandra Souza	Marcos Dias
Esmeralda Ribeiro	Marcos Fabrício Lopes da Silva
Estevão Maya-Maya	Maria Helena Vargas da Silveira
Eustáquio José Rodrigues / L. C. Lawa	Marilene Felinto
Fábio Mandingo	Martinho da Vila
Fausto Antonio	Maurício Pestana
Fernando Conceição	Mel Adún
Fernando Góes	Mel Duarte
Francisco Maciel	Mestre Didi
Geni Guimarães	Michel Yakini
Grande Otelo	Miriam Alves
Guellwaar Adún	Muniz Sodré
Heloisa Pires Lima	Nascimento Moraes
Helton Fesan	Nei Lopes
Henrique Cunha Jr.	Neide Almeida
Hermógenes Almeida	Nelson Maca
Inaldete Pinheiro de Andrade	Nilma Lino Gomes
Itamar Vieira Junior	Nívea Sabino
Ivan Cupertino	Oliveira Silveira
Jaime Sodré	Oswaldo de Camargo
Jamu Minka	Oswaldo Faustino
Jeferson Tenório	Oubi Inaê Kibuko
Jenyffer Nascimento	Patrícia Santana
Joel Rufino dos Santos	Paulo Colina
Jônatas Conceição	Paulo Lins
Jorge Dikamba	Plínio Camillo
José Carlos Limeira	Ramatis Jacinto
José Endoença Martins	Raul Astolfo Marques
Josias Marinho	Raul Joviano do Amaral
Joyce Ribeiro	Raymundo de Souza Dantas
Júlio César Farias de Andrade	Renato Noguera
Júlio Emílio Braz	Ricardo Dias
Júlio Romão da Silva	Rita Santana
Jussara Santos	Roberto Sidnei Macedo
Kiusam de Oliveira	Rogério Andrade Barbosa
Lande Onawale	Romeu Cruzeiro
Lepê Correia	Ronald Augusto
Lia Vieira	Ruth Guimarães
Lima Barreto	Salgado Maranhão
Lino Guedes	Santiago Dias
Lívia Natália	Sergio Ballouk
Lourdes Teodoro	Solano Trindade
Luís Fulano de Tal	Sônia Fátima da Conceição
Madu Costa	Sônia Rosa
Mãe Beata de Yemonjá	Tatiana Nascimento
Mãe Stella de Oxóssi	Ubiratan Castro de Araújo
Manto Costa	Vagner Amaro
Marcelo D'Salete	Waldemar Euzébio Pereira
Márcio Barbosa	Zinho Trindade

EDITORAS, LIVRARIAS E PORTAIS DE CONTEÚDO

Ao longo deste material, mencionamos alguns locais na internet em que poderiam ser encontradas mais informações sobre as escritoras e os escritores que mencionamos mais detalhadamente: Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Carolina Maria de Jesus e Cuti.

Neste espaço, relacionamos nomes e endereços eletrônicos de editoras, livrarias e portais de conteúdo especializados na divulgação da literatura afro-brasileira, para que possamos apoiar essas iniciativas!

Clique nos ícones para acessar os *sites*.

Editoras



Livrarias



KITABU

Portais de conteúdo



Quilombhoje



CUTI

Escritor

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA PARA AQUISIÇÃO

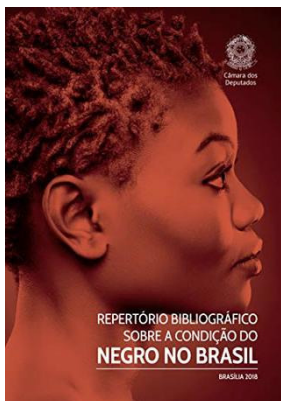
Em complemento às sugestões de autores e obras apresentados para serem trabalhados nas aulas de literatura, foi elaborada uma listagem de livros cuja aquisição possa enriquecer o acervo da Biblioteca Jofre Moreira com a temática sobre literatura afro-brasileira.

As indicações aqui feitas baseiam-se na experiência pessoal de leitura do autor deste material e em sinopses das obras não lidas. Todavia, cabe aos docentes da área de Língua Portuguesa e Literatura avaliar mais criteriosamente a relevância de cada título aos propósitos pedagógicos dos cursos em que lecionam e da formação cultural dos alunos.

Procurou-se relacionar aquelas obras literárias mais indicadas ao público jovem-adulto, uma vez que este produto educacional tem foco no ensino médio. Foram também listadas obras de caráter não literário (técnicas e outras), essenciais ao preparo dos docentes para o trabalho com a temática da literatura afro-brasileira. Livros que já estejam presentes nas prateleiras da biblioteca do IF Sudeste MG - *Campus* Rio Pomba foram desconsiderados.

Por meio de consulta a diversos sites, buscou-se compor a lista com obras que se encontrem disponíveis no mercado e em formato físico, pois seria inútil sugerir, neste momento, a aquisição de livros indisponíveis ou livros eletrônicos para os quais não há suporte tecnológico na biblioteca. Lamentavelmente, por conta do processo de exclusão da literatura afro-brasileira dos espaços valorizados (acadêmicos e escolares) e o consequente desinteresse das casas editoriais, a listagem se mostrou mais enxuta do que o previsto.

Reforça-se, nesse sentido, a necessidade de geração de demanda por essas obras por parte do setor público, grande consumidor do mercado editorial, tanto pelo fomento à cultura quanto pelo cumprimento de suas obrigações sociais e legais.



Baixe gratuitamente clicando na imagem

Recomenda-se acessar o livro **Repertório bibliográfico sobre a condição do negro no Brasil**, que está disponível gratuitamente no portal da Câmara dos Deputados, nas versões .pdf, .epub e .mobi.

Trata-se de uma relação bibliográfica de obras que abordam a condição da população negra no Brasil desde a época colonial até a atualidade. São artigos de periódicos, livros e capítulos de livros, teses e dissertações e legislação federal, disponíveis em meio físico e eletrônico. No caso desses últimos, a partir da versão .pdf, é possível acessá-los diretamente pelo *hyperlink* contido na referência bibliográfica.

Livros de literatura

- AMARO, Vagner. **Eles**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- ANUNCIAÇÃO, Aldri. **Namíbia, não!**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ANDRADE, Júlio César Farias de. **Haussá 1815 - Comarca Das Alagoas**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Não pararei de gritar: Poemas reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BRAZ, Júlio Emílio. **Como se fôssemos invisíveis**; ilustração Thais Mesquita. 1 ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.
- COSTA, Manto. **Circo De Pulgas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- CUTI [LUIZ SILVA]. **Contos Crespos**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- CUTI [LUIZ SILVA]. **Contos escolhidos**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- CUTI [LUIZ SILVA]. **Negroesia: antologia poética**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de Leves Enganos e Parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FERRÉZ. **Capão pecado**. São Paulo: Labortexto, 2000.
- GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas burlescas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Editora SESI-SP, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A Orquídea Negra: Romance de Formação**. Ilhéus: Editora da UESC, 2017.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.
- ROSA, Allan da. **Reza de mãe**. São Paulo: Nós, 2017.
- SEMOG, Éle. **A Cor da Demanda**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Livros de literatura

SILVA, Cidinha da. **Os nove pentes d'áfrica**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

SILVA, Cidinha da. **Parem de nos matar**. São Paulo: Pólen, 2019.

SILVA, Cidinha da. **Sobre-viventes!**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SOBRAL, Cristiane. **O Tapete Voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A Lei do Santo**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

TAL, Luís Fulano de. **A noite dos cristais**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

TRINDADE, Solano. **Poemas Antológicos de Solano Trindade**. 2 ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

Livros técnicos e outros

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMÂNCIO, Isis Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras na Prática Pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CUTI [LUIZ SILVA]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura Afro-brasileira Vol. 1: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura Afro-brasileira Vol. 2: abordagens na sala de aula**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Com a palavra, Luiz Gama**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 3 ed. São Paulo: Global Editora, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude - Usos e sentidos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - Nova Edição: Identidade nacional versus identidade negra**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: Editora SESI-SP, 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. São Paulo: Global Editora, 2016.

SANTOS, Luiz Carlos. **Luiz Gama: Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 52 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Outubro 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2020.

BRASIL. **Lei n° 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 26 mar. 2020.

BRASIL. **Lei n° 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 23 mar. 2020.

CUTI [LUIZ SILVA]. **Contos Crespos**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

CUTI [LUIZ SILVA]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CUTI [LUIZ SILVA]. **Negroesia: antologia poética**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura Afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra: os sentidos e as ramificações**. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 245-277. Literafro – O portal da literatura Afro-Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2019. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>. Acesso em: 04 jul. 2019.

GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino**. [S.d.]. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bn000101.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Março 2020. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SANTOS, Luiz Carlos. **Luiz Gama: Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SOUZA, Taise C. S. Pinheiro de. **Literatura negra e diferença cultural**. Revista Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 25, 2016, p. 133-156. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/13757/9657>. Acesso em: 08 jul. 2019.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula e outras obras. [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/35999/ursula_obras_reis_2ed.pdf?sequence=11. Acesso em: 26 mar. 2020.

QUEM SOMOS

Elaboração:

Anderson Novais Soares

Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – *Campus* Rio Pomba.

Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina (2006).

Pós-graduado em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2012).

Assistente em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – *Campus* Muriaé desde 2010.

Orientação:

Natalino da Silva de Oliveira

Diretor de Extensão, Pesquisa e Inovação do IF Sudeste MG – *Campus* Muriaé.

Professor do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

Professor efetivo EBTB dedicação exclusiva no IF Sudeste MG – *Campus* Muriaé.

Doutor em Literatura Comparada pela UFMG – orientado pela Professora Doutora Graciela Ravetti.

Doutor em Literatura de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação da PUC-Minas – Orientado pela Professora Doutora Maria Nazareth Soares Fonseca.

Mestrado em Teoria da Literatura pelo POSLIT.

Graduação em Letras, licenciatura em Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005).

Graduação em Letras, licenciatura em Língua Espanhola pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008).

Pesquisador da área de Literatura, história e memória cultural, Literatura negra brasileira, Periferia, LIBRAS.

Pesquisador do Núcleo Walter Benjamin.

Capoeirista, atua também como professor, agente cultural e 1º Secretário do Centro Social e Cultural Raiz de Minas Capoeira.



**INSTITUTO
FEDERAL**

Sudeste de Minas Gerais



PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

